

CONCLUSÕES

“Professional development is like a journey, a long voyage, at the end of which we find ourselves back at the beginning, but with much more knowledge of the route and having had the trip of a lifetime, because professional development is about moving forward through a greater understanding of where we are now by reflecting on how we got to be here.” (Curtis, in Bailey et al., 2001: 247)

Estas considerações de Curtis servem-nos de mote para iniciar este capítulo final, onde pretendemos, sobretudo, realizar um balanço da intervenção supervisiva por referência aos objectivos e finalidades que traçamos numa fase inicial. Discutiremos ainda algumas das suas implicações mais relevantes, bem como algumas limitações ou constrangimentos detectados.

Na verdade, chegar aqui significa olhar para trás e, num processo de algum modo introspectivo, encontrar elos significativos entre os capítulos que fazem parte desta história; discernir o que no seu enredo importa salientar e relevar o papel das participantes na sua construção. Olhar para trás desta maneira é fazê-lo também com alguma nostalgia; trata-se de reviver um tempo em que ansiedades se cruzaram, a par e passo, com a vontade e a persistência em cumprir metas e chegar aqui. É rever capítulos que a memória guardou; capítulos que se abrem em momentos mais conseguidos, e outros perpassados de constrangimentos, limitações e algum desalento. Capítulos que a voz das personagens avivam, que nos remetem para Velásquez e o seu mundo retratado em *Las Meninas* e (se a momentânea imodéstia nos é permitida) para o paralelismo entre a forma vívida e vivida como este concebia a sua arte e a forma como concebemos a investigação.

Parafraseando Curtis, chegar aqui é descobrir que nos reencontramos, afinal, no início, mas agora de uma forma mais informada e consciente do caminho percorrido. Perceber as razões que nos trouxeram aqui é o primeiro passo que nos fará embarcar no caminho do desenvolvimento profissional.

As respostas que obtivemos para os objectivos formulados

Ao centrar-se na observação de aulas – uma área sensível e problemática da supervisão de professores –, o presente estudo procurou criar condições facilitadoras para uma reconceptualização de teorias e práticas de observação no contexto do estágio

pedagógico. Considerada como uma estratégia potencialmente mobilizadora de atitudes e capacidades descritivas, interpretativas e reconstrutivas da prática pedagógica, a observação foi simultaneamente objecto de investigação e estratégia de desenvolvimento profissional.

O estudo desenvolveu-se em três fases que se interrelacionaram e complementaram entre si. Numa primeira, procurámos, através de dois questionários, aceder às teorias pessoais das professoras sobre a observação de aulas - a sua natureza, funções, finalidades e papel dos observadores. Focalizámo-nos, em seguida, em práticas de observação de tipo exploratório e colaborativo incidentes em aspectos da prática pedagógica que importava investigar e melhorar numa sintonia estreita e articulada com o desenvolvimento dos projectos de investigação-acção das professoras estagiárias. Numa fase final, as professoras estagiárias reposicionaram-se face às suas representações iniciais sobre a observação e o papel das intervenientes no processo superviso, respondendo novamente a questionários e a uma das tarefas de observação. Complementámos esta informação com a análise da distribuição de papéis durante o 3º encontro de pós-observação, um questionário de avaliação intermédia dos ciclos de observação e a reflexão final da supervisora da escola. Retomamos de seguida os objectivos da intervenção supervisiva.

Desenvolver e monitorizar práticas de observação colaborativa no âmbito da supervisão de projectos de investigação-acção das professoras estagiárias

As estratégias formativas desenvolvidas ao longo de cinco ciclos de observação permitiram acompanhar, monitorizar e avaliar o desenvolvimento dos projectos de investigação-acção das professoras estagiárias nas suas turmas. Numa espiral de reflexão nos momentos *Antes, Durante e Após a observação*, foram concebidas, desenvolvidas e avaliadas actividades com enfoque nas competências de aprendizagem dos alunos, visando a assunção de papéis mais autónomos na sala de aula.

Compreender as potencialidades e limitações da observação colaborativa na (re)construção de teorias pessoais e papéis supervisivos das supervisoras e professoras estagiárias

As tarefas de observação mobilizadas, assim como os ciclos de observação, nomeadamente nos seus momentos de pós-observação, constituíram espaços privilegiados de interacção entre as intervenientes, favoráveis à descrição, interpretação, confronto e (re)construção de teorias pessoais sobre a supervisão/observação e a pedagogia escolar. Barreiras hierárquicas assentes numa cultura supervisiva dominante, rotinas estabelecidas e falta de uma cultura de colaboração são factores que limitam e dificultam a operacionalização de práticas supervisivas favoráveis à democratização dos papéis das participantes. Ainda assim, foi possível observar sinais que apontam significativamente nessa direcção e que mostram que é possível encontrar alternativas de acção mesmo em contextos estruturados de formação de professores, como é o caso do estágio pedagógico.

Avaliar o impacto da intervenção supervisiva no desenvolvimento pessoal e profissional das supervisoras e professoras estagiárias.

Se concebermos o “eu profissional” e o “eu pessoa” como dimensões de uma só identidade, então ao desenvolvermo-nos profissionalmente estamos paralelamente a desenvolvermo-nos enquanto pessoas.

Quando após um percurso formativo percorrido constatámos que as teorias pessoais das intervenientes se alteraram, redefiniram e reposicionaram de uma forma mais informada face às áreas em estudo, acreditamos ser lícito afirmar o impacto positivo da experiência.

Por outro lado, este último objectivo contempla finalidades mais vastas que movimentam as investigações e acções profissionais, seja na área da formação de professores, seja noutras áreas profissionais. Ao resultar do cumprimento dos objectivos anteriores, este último objectivo situa-nos um pouco como nas “Histórias das Mil e Uma Noites Árabes de Scheherazade”. Tal como Bailey (in Bailey et al., 2001), definiríamos o desenvolvimento profissional como uma história inacabada, pois à medida que procuramos melhorar um aspecto, deparamo-nos com outros que necessitam de ser mais e melhor trabalhados, constituindo novas oportunidades para a investigação e o desenvolvimento profissional ... e pessoal.

“Professional development is like living in a never-ending story because the chapters blend into one another. As you are working on one area for improvement, other opportunities and areas open up for new exploration, like the old story of Scheherazade and *The Thousand and One Arabian Nights*.” (op. cit.: 247)

O estudo e as suas limitações - os obstáculos que não vencemos, as respostas que não obtivemos

Ao reflectir sobre este estudo deparamo-nos inevitavelmente com algumas das suas limitações, que passamos a destacar:

- *A questão da continuidade* – depois de uma formação que operacionalizou pressupostos, princípios, papéis e estratégias de ensino/aprendizagem dinamizadoras de uma prática reflexiva e de uma pedagogia para a autonomia em contexto escolar, que garantias existem de que as competências desenvolvidas são transferidas para práticas futuras? Por outro lado, que garantias de emprego terão as professoras no momento actual? Como poderão operacionalizar e desenvolver a formação recebida no ano de estágio?
- *O particularismo do projecto supervisivo na UM* – o projecto em que o estudo se integra representa uma prática isolada no contexto da supervisão de professores em início de carreira na Universidade do Minho. Terá esta *singularidade* sido sentida como uma imposição legítima pelas professoras? Até que ponto o projecto supervisivo limitou e /ou coarctou a liberdade e a autodirecção das professoras, no seu conjunto ou de alguma em particular?
- *Abordagens supervisivas diferenciadas* – Nalgumas reflexões das professoras e da supervisora da escola, as alusões a outros estilos de supervisão transparecem no seu discurso de forma mais ou menos explícita (nomeadamente por comparação com a abordagem supervisiva na disciplina de Alemão). Será que uma maior compreensão das diferenças de abordagens supervisivas teria constituído uma mais-valia para o estudo?
- *A análise de apenas um encontro de pós-observação* – O facto de termos incidido apenas num encontro de pós-observação e não termos contemplado o encontro de pré-observação na análise de distribuição de papéis não terá limitado essa mesma análise? Não teríamos uma visão mais abrangente do processo formativo se a análise englobasse mais encontros?

- *As forças de resistência* – A tradição e a rotina, forças problemáticas e determinantes na manutenção de hierarquias e na dificuldade em democratizar papéis na interacção supervisiva, poderão ter condicionado a intervenção, reduzindo o seu potencial inovador. Em que medida somos capazes de ultrapassar barreiras historicamente inscritas na cultura supervisiva?

- *Os factores espaço e tempo* – a distância geográfica escola-universidade e as incompatibilidades de horários condicionaram, muitas vezes, os momentos de reflexão prévia e posterior à observação de aulas. O factor tempo actuou também como constrangimento na disponibilidade para um registo mais sistemático das notas de campo da supervisora da universidade. Teríamos alcançado outro tipo de resultados com mais tempo nos locais de investigação/formação – a escola e a universidade? Com a supervisão de vários núcleos de estágio, em localidades muitas vezes distantes, como se poderá desenvolver uma supervisão colaborativa?

- *A investigação participante* – embora a assunção do duplo papel de investigadora e de supervisora apresente vantagens neste tipo de estudos, apresenta também riscos, sobretudo associados à dificuldade de conseguir o distanciamento necessário na análise da informação recolhida. Será que um observador/investigador externo faria as mesmas interpretações?

Por último, podemos-nos também questionar:

Será que as características pessoais destas professoras e da supervisora da escola, favoráveis a atitudes colaborativas, não terão sido determinantes para os resultados obtidos? Teríamos alcançado resultados igualmente positivos com outro núcleo de estágio?

Implicações do estudo

Quanto às implicações que este estudo pode ou poderá ter na área da supervisão, parece-nos relevante destacar a necessidade de:

- Manter em aberto o debate em torno da supervisão pedagógica, questionando o papel de investigadores, supervisores e professores na formação e avaliação da sua qualidade;
- Continuar a avaliar o projecto supervisivo da equipa, realçando as suas potencialidades formativas, identificando as suas fragilidades e desenhando estratégias que melhorem a qualidade da formação dos professores estagiários;
- Intensificar a regulação (planificação, monitorização e avaliação) das práticas supervisivas;
- Incentivar a colaboração nas práticas supervisivas, nomeadamente no âmbito da observação, favorecendo a democratização de papéis e o desenvolvimento pessoal e profissional de todos os participantes;
- Incentivar a colaboração entre supervisores da escola e da universidade e entre estes e os professores estagiários, como critério de qualidade da supervisão e como condição privilegiada para enfrentar os desafios, incertezas e exigências do mundo moderno;
- Incentivar um maior diálogo, reflexão e colaboração entre profissionais tornando-os verdadeiros parceiros de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e profissional;
- Colocar a investigação educacional ao serviço da formação de professores, designadamente através do estudo de práticas em contexto natural e da avaliação participada da qualidade dos processos formativos.

Numa visão mais plural do conhecimento, na valorização do Outro como construção do Eu, partilhámos finalidades, definimos objectivos e, no caminho, fomos encontrando as estratégias que nos pareceram mais adequadas. Os riscos e as responsabilidades de um percurso investigativo e exploratório foram partilhados; os sucessos também. Redefinimos a observação como *observação colaborativa* e, nesse

processo, os papéis tradicionalmente assumidos por supervisores e professores estagiários alteraram-se e reinventaram-se.

“It was and is a story of the excitement and the progress that can be made with a little time, a little money, and a concentrated, but temporally bounded effort on working toward shared dreams.” (Clift et al., 1995: 129)

Esta foi, na verdade, uma história de energias concertadas; a história de um percurso comum trilhado na senda de rotas com objectivos também eles concertados. No entanto, e socorrendo-me aqui, para finalizar, de palavras de outrém *como qualquer outra história de desenvolvimento profissional, para ser verdadeira tem de ser continuada*¹.

¹ St Maurice et al. (1995)